

Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/ desconforto no vestuário

The challenges of trans women and transvestites related to comfort/ discomfort in clothing

Onnara Custódio Gomes¹
Marizilda dos Santos Menezes²

Resumo

O vestuário deve atender ao conforto, uma das necessidades dos usuários. Há uma carência de produtos de moda acessíveis às pessoas transgêneras, especificamente às mulheres trans e às travestis, que enfrentam muitos desafios em acessar peças que estejam em sintonia com suas experiências corporais e proporcionem conforto. Buscou-se, neste trabalho, compreender os principais desafios vivenciados por mulheres trans e travestis em relação ao conforto/ desconforto no vestuário. Esta investigação integra a pesquisa de doutorado das autoras, realizada no programa de pós-graduação em Design da Unesp. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas online, tendo como base um roteiro de perguntas semiestruturado. Os resultados evidenciaram que o setor de moda precisa expandir a sua oferta para atender a essas mulheres de forma mais eficaz, uma vez que o vestuário é fundamental para a expressão e a afirmação de gênero. O desconforto está ligado a um sistema de moda que insiste em produzir peças com base em corpos cisgêneros, hegemônicos e idealizados, ignorando as diversas proporções, identidades e vivências que diferem desse padrão tradicional. Torna-se urgente repensar práticas projetuais que envolvam as próprias mulheres trans e travestis no processo, reconhecendo-as como usuárias legítimas.

Palavras-chave: Conforto no vestuário; Percepção de desconforto; Mulheres trans; Travestis.

Abstract

Clothing should meet users' needs, and one of these is comfort. There is a lack of accessible fashion products for transgender people, specifically trans women and travestis, who face many challenges in accessing garments that align with

1

Doutora em Design pela UNESP.
Mestra em Comportamento do Consumidor pela ESPM. Bacharel em Design de Moda pela UFC.
Pesquisadora do grupo de pesquisa Linguagem do Espaço e da Forma e membro do Laboratório de Estudos e Meios de Design (LEMODE).

2

Professora no Departamento de Design da UNESP. Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas pela USP; Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído pela USP. Graduação em Batiment - Ecole Des Beaux Arts Et Arts Appliqués de Nancy. Complementação em Desenho Industrial pela FAAP. Graduação em Licenciatura em Desenho e Plástica pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo.



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

their bodily experiences and provide comfort. This study aimed to understand the main challenges experienced by trans women and travestis regarding comfort and discomfort in clothing. This investigation is part of the authors' doctoral research, conducted within the Graduate Program in Design at Unesp. It is an exploratory and descriptive research with a qualitative approach. Online interviews were conducted using a semi-structured questionnaire. The results highlighted that the fashion industry needs to expand its offerings to more effectively serve these women, as clothing plays a fundamental role in gender expression and affirmation. Discomfort is linked to a fashion system that insists on producing garments based on cisgender, hegemonic, and idealized bodies, ignoring the diverse proportions, identities, and lived experiences that differ from traditional standards. It is urgent to rethink design practices that involve trans women and travestis themselves in the process, recognizing them as legitimate users.

Keywords: Clothing comfort; Perception of discomfort; Trans women; Travestis

Introdução

O vestuário desempenha um papel essencial na expressão de gênero, atuando como uma extensão do próprio corpo e contribuindo na maneira como os indivíduos se percebem e como são percebidos socialmente (Bonadio, 2015; Carneiro, 2019; Choudhury; Majumdar; Datta, 2011; Entwistle, 2023; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Teti *et al.*, 2019). Para isso, é preciso considerar as capacidades, limitações, anseios e necessidades dos usuários (Grave, 2010; Martins, 2019).

Uma dessas necessidades é o conforto, que envolve várias dimensões, algo que nem sempre é observado no processo de desenvolvimento de produto (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Martins, 2019). A escassez de informações e o desconhecimento dos profissionais do setor de moda sobre as especificidades de alguns grupos de usuários resultam em inadequações e, na maioria das vezes, na inexistência de alternativas no mercado (Chauhan *et al.*, 2021; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Makara; Merino, 2021).

Essa omissão é ainda maior quando se trata de grupos historicamente excluídos pela moda. Há uma carência de produtos de vestuário acessíveis para pessoas gordas, com deficiência, idosas (Grave, 2010; Martins; Carrera, 2024; Martins; Martins, 2018), e, mais especificamente, para pessoas transgêneras. Nesse grupo, encontram-se as mulheres trans e as travestis,



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

que enfrentam desafios em acessar peças que estejam em sintonia com suas experiências corporais e proporcionem conforto, uma vez que as roupas disponíveis no mercado não contemplam suas demandas físicas, estéticas e identitárias (Jones; Lim, 2021; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Rodrigues; Lopes, 2017).

O setor de moda busca atender às pessoas cisgênero, com especial atenção às mulheres cis, cujas exigências diferem daquilo que é desejado por mulheres trans e travestis (Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Menezes; Grassine; Altmayer, 2023). Pesquisas sobre as necessidades transgêneras relacionadas ao vestuário são igualmente insuficientes, com a maior parte dos estudos concentrando-se em questões políticas e de identidade, em vez de englobar as particularidades físicas em conexão com os aspectos emocionais e sociais (Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Streck; Reddy Best, 2025).

No Brasil, pessoas com diversidade de gênero correspondem a cerca de 2% da população adulta, ou seja, quase três milhões de pessoas (Spizzirri et al., 2021). Como “transgênero” é um termo que abrange várias manifestações e identidades gênero-divergentes, muitas pesquisas tratam todas essas pessoas como um grupo único, desconsiderando os subgrupos que fazem parte da comunidade trans (Buck, 2016; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Spizzirri et al., 2021). Assim, para contribuir com uma investigação mais aprofundada, o presente artigo enfocou as mulheres trans e as travestis.

Diante do exposto, buscou-se compreender os principais desafios enfrentados por mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário. Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado desenvolvida pelas autoras, no programa de pós-graduação em Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), e apresenta seus resultados iniciais, a partir das entrevistas aqui analisadas.

Conforto/desconforto no vestuário

Inicialmente, compreendia-se o conforto como “a ausência de desconforto, assim como o frio é a ausência de calor” (Hertzberg, 1958, p. 298). Nessa perspectiva, o conforto não poderia ser diretamente proporcionado, sendo possível apenas a eliminação dos elementos geradores de desconforto, o que ressaltava a distinção entre esses dois



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

termos (conforto/desconforto). Desde então, várias tentativas vêm sendo feitas para aprimorar a definição de conforto, mas, ainda que seja bastante explorado e debatido na literatura científica, não existe um conceito único amplamente aceito (Cohen-Lazrya *et al.*, 2023; De Looze; Kuijt-Evers; Van Dieën, 2003; Mansfield *et al.*, 2020).

Normalmente, o conforto é analisado em relação ao desconforto, pois isso facilita a sua avaliação (Iida; Guimarães, 2016; Slater, 1986; Vink; Hallbeck, 2012), uma vez que este é mais perceptível e mais fácil de ser explicado (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Helander *et al.*, 1987; Lueder, 1983; Slater, 1986). Embora não haja concordância na definição, existe um consenso quanto ao seu caráter subjetivo, já que cada pessoa percebe o conforto ou o desconforto de maneira única, de acordo com suas próprias vivências (Cohen-Lazrya *et al.*, 2023; Mansfield *et al.*, 2020; Slater, 1986).

Além disso, a literatura aponta que o conforto é um conceito multidimensional, pois sofre influência de vários aspectos (Cohen-Lazrya *et al.*, 2023; De Looze; Kuijt-Evers; Van Dieën, 2003; Mansfield *et al.*, 2020; Vink; De Looze; Kuijt-Evers, 2004), como lembranças e experiências passadas do usuário, estado emocional, aparência, odores, sons e ruídos externos, clima, sensação tátil, distribuição de pressão no corpo e os efeitos da postura e do movimento (Vink; De Looze; Kuijt-Evers, 2004).

Quando se trata de conforto no vestuário, a literatura especializada geralmente identifica pelo menos três dimensões do conforto, as quais se articulam na interação entre o usuário, o vestuário e o ambiente (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Fourt; Hollies, 1969; Matté; Broega; Pinto, 2018). Neste artigo, adotou-se a classificação dada por Broega, Cunha e Cabeço-Silva (2019), que tratam do conforto em quatro dimensões.

Para essas autoras, é preciso considerar tanto as condições funcionais, quanto as psicológicas. O conforto no vestuário abrange o conforto sensorial (também chamado “tátil” ou simplesmente “toque”), o conforto termofisiológico (denominado muitas vezes como “térmico”), o conforto ergonômico e o conforto psicológico (conhecido também como “psicossocial” ou ainda “psicoestético”), que formam o “Conforto Total” (*ibidem*).

Do ponto de vista funcional, o conforto sensorial refere-se à dissipação de tensões corporais nas áreas de contato entre a pele e o tecido, influenciado por fatores como rigidez ou aspereza, por exemplo;



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

o termofisiológico está relacionado às propriedades dos materiais que auxiliam na regulação do equilíbrio térmico entre o corpo e o vestuário; e o ergonômico, ao ajuste adequado da peça ao corpo, vinculado à modelagem, à conformidade antropométrica, à qualidade da confecção, entre outros.

Para além da funcionalidade, o conforto é o que o usuário sente ao vestir uma determinada peça de roupa, capaz de evocar sensações ligadas à autoimagem e aos relacionamentos sociais, que, em certos momentos, podem ser consideradas até mais relevantes do que os atributos técnicos das peças. Assim, sob o ponto de vista psicológico, o conforto abrange questões subjetivos e emocionais, influenciados por fatores culturais e socioeconômicos, bem como pelas tendências da moda e pela expressão da individualidade (*ibidem*).

Cada uma dessas dimensões contribui de forma particular para a percepção de conforto/desconforto, sobretudo pelo fato de que o vestuário não é um objeto isolado do corpo, mas está em contato íntimo com ele, comparado a uma “segunda pele” (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019; Choudhury; Majumdar; Datta, 2011; Entwistle, 2023; Martins, 2019). Assim, o conforto pode ser entendido como uma “experiência incorporada”, vivenciada de forma individual e pública pelo usuário (Entwistle, 2023).

O ato de vestir não diz respeito apenas a cobrir o corpo, indo além da questão prática, pois é impactado por normas sociais, expectativas culturais e valores estéticos, em que os sujeitos expressam, ressaltam ou ocultam aspectos de sua identidade e do modo como querem ser vistas (Bonadio, 2015; Entwistle, 2023). Por isso, o conforto/desconforto não depende apenas do caimento da roupa, por exemplo, apesar de ser fundamental para a parte física, mas sim, de estar ou não adequada a um ambiente, estar em harmonia com a sua própria imagem ou atender às expectativas sociais (Entwistle, 2023).

Esse entendimento ampliado do conforto, que envolve as dimensões funcionais do vestuário e também a dimensão psicossocial, torna essa percepção, na experiência do vestir, ainda mais relevante para corpos que o setor da moda historicamente tem desconsiderado, uma vez que estão fora do padrão tradicional cisnormativo, como é o caso das mulheres trans e travestis.



Mulheres transexuais e travestis

Transgênero não se refere a uma identidade de gênero específica. Trata-se de um conceito abrangente que funciona como um termo guarda-chuva, envolvendo diversas expressões e identidades que divergem das normas de gênero convencionais, como é o caso das *drag queens*, *crossdressers* (Buck, 2016; Lanz, 2014), mulheres transexuais e travestis, entre outras.

De acordo com o Manual Orientador Sobre Diversidade (Brasil, 2018), as mulheres transexuais são aquelas que nasceram com o sexo masculino, mas se identificam e se reconhecem com o gênero feminino. O manual também caracteriza as travestis como pessoas que adotam uma expressão de gênero feminina, mas não se enquadram no binarismo “homem/mulher”.

Tais definições, geralmente, são reproduzidas nos discursos hegemônicos e, embora revestidas de um suposto caráter científico, não refletem as compreensões formuladas a partir de uma perspectiva trans. Paul Preciado, por exemplo, entende a vivência trans como uma rejeição ao sistema sexo-gênero: “Eu não sou um homem. Eu não sou uma mulher. Eu não sou heterossexual. Eu não sou homossexual. Eu também não sou bissexual. Eu sou um dissidente do sistema sexo-gênero” (2019, p. 25-26).

Preciado recusa que a identidade trans seja reduzida às classificações normativas de gênero e sexualidade. Nesse mesmo sentido, Halberstam (2018) propõe deixar o termo “trans³” em aberto, o que evita o controle por meio da linguagem. Para o pesquisador, trata-se de “categorias em desenvolvimento de ser organizado em torno de, mas não confinado a, formas de variação de gênero” (*ibidem*, p. 4).

O significado de ser travesti, na concepção de Villada (2021), representa viver na contramão das normas, em uma existência marcada por diferentes entrelaçamentos, como violência, resistência, comunidade, afeto e beleza. A autora indica que ser travesti é viver em coerência com o próprio desejo e identidade, apesar da violência do mundo.

Mais do que estabelecer distinções fixas, é fundamental reconhecer a fluidez que atravessa os processos identitários das mulheres trans e das travestis. Embora elas apresentem trajetórias singulares, ambas compartilham aproximações que emergem das práticas e lutas por reconhecimento, das experiências de marginalização, da resistência, das

3

Jack Halberstam (2018) utiliza o símbolo asterisco no termo “trans*” para abranger as diversas formas de dissidência de gênero, propondo uma abertura às experiências identitárias mutáveis e questionando a noção fixa de transição. O símbolo constitui, assim, uma resistência às tentativas de classificação, invasão e controle da vida humana..



disputas por legitimidade e das estratégias de reinvenção frente às normas de gênero (Deus, 2018).

Para Jesus (2012), a identidade de gênero deve ser considerada uma experiência pessoal e não deve ser definida pelo corpo. Logo, o seu reconhecimento independe de qualquer tipo de procedimento, como uma cirurgia, por exemplo. Isso desafia o conceito do “transexual universal” que, muitas vezes, impõe normas rígidas sobre como a identidade deve se alinhar com o corpo (Bento, 2017).

Historicamente, transgêneros foram alvo de patologização. Contudo, na quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5), a transexualidade foi retirada da categoria de transtornos mentais, refletindo as mudanças sociopolíticas decorrentes das reivindicações do movimento trans. Paralelamente, o termo travesti passou por um processo de ressignificação, adquirindo uma dimensão política e tornando-se uma expressão afirmativa de identidade (Reis, 2018; Simpson, 2015).

Ainda assim, para algumas mulheres trans e travestis, a modificação corporal, como a realização de terapia hormonal feminizante (THF), pode representar uma etapa significativa na construção da identidade. Apesar de o procedimento não ser determinante para todas, pode ser suficiente, sem a necessidade de efetuar intervenções cirúrgicas, como a de redesignação sexual (Brasil, 2018; Jesus, 2012; Oliveira et al., 2021).

A THF, ou hormonioterapia, altera as características sexuais secundárias e auxilia na adaptação do corpo ao gênero desejado, reduzindo as características masculinas e estimulando as femininas, por meio do uso de antiandrogênicos e estrogênicos, proporcionando uma melhoria na qualidade de vida e bem-estar (Janini et al., 2022; Lima; Cruz, 2016; Santos et al., 2021; Tangpricha; den Heijer, 2017).

As modificações físicas no corpo das mulheres trans e travestis iniciam-se rapidamente após o início da THF e podem durar até dois ou três anos (Tangpricha; den Heijer, 2017). Nem todas passarão pelas mesmas mudanças, mas algumas incluem o crescimento mamário, a diminuição dos pelos corporais e faciais, a redistribuição da gordura corporal etc., além de alterações psicológicas, como oscilações no humor ou no apetite (Grünheidt; Granada, 2021; Tangpricha; den Heijer, 2017).



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

Ainda que a THF represente um passo importante na afirmação de suas identidades e na busca pelo bem-estar para muitas mulheres trans e travestis, esses processos não se esgotam nas modificações corporais e tampouco devem ser utilizados como critérios definitivos para o reconhecimento de gênero.

Dessa forma, as vivências trans e travestis articulam-se a experiências subjetivas, simbólicas e sociopolíticas, que vão além da conformação física. Nesse contexto, o corpo atua também como espaço de linguagem e expressão, e o vestuário se apresenta como elemento central na construção e na performance dessas identidades.

Pessoas transgêneras e vestuário

As primeiras transformações observadas no corpo de pessoas trans, antes de recorrer à cirurgia de mudança de sexo ou ao uso de hormônios, são aquelas ligadas ao adorno, como a maquiagem, o penteado e a escolha de roupas (Jones; Lim, 2021; Longaray; Ribeiro, 2016). Esses elementos fazem parte do processo de transição e são usados de maneira estratégica (Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021).

As normas sociais tradicionais de gênero delimitam o que pode ou não ser reconhecido como “feminino” ou “masculino”. Expressar-se por meio de adornos, em um cenário marcado por barreiras à dissidência de gênero, compõe uma tecnologia de comunicação do gênero que responde a essas expectativas sociais (Carneiro, 2019).

Na pesquisa de Hernández *et al.* (2022), sobre a saúde de travestis e pessoas trans no município do Rio de Janeiro e da região metropolitana, constatou-se que 96,7% das participantes recorreram ao uso de roupas e acessórios como os primeiros recursos para afirmar seu gênero. Embora a roupa, sozinha, não defina a identidade de gênero de uma pessoa, ela desempenha um papel importante na sua comunicação, contribuindo para configurar estilos e formas corporais mais facilmente reconhecidas pelos outros (Carneiro, 2019; Wittmann, 2019).

Todas as pessoas, em alguma medida, constroem e performam seu gênero por meio de marcadores como roupas, cortes de cabelo, presença ou não de pelos faciais/corporais e uso de acessórios, entre outros. No caso das pessoas trans, essas práticas podem assumir um caráter mais deliberado



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao
conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

ou visível, como parte do processo de transição e afirmação identitária (Austin; Papciak; Lovins, 2022; Carneiro, 2019; Wittmann, 2019).

Assim, o vestuário pode auxiliar na “passabilidade”, conceito que se refere à capacidade de uma pessoa ser reconhecida pelo gênero com o qual se identifica (Wittmann, 2019). Como o corpo é o primeiro a transmitir a identidade nas interações sociais, muitas vezes sem tempo para maiores explicações, o vestuário serve para transmitir essa identidade de forma imediata (Rodvalho, 2017).

Diante das violências e da transfobia que afetam as pessoas trans, o desejo de “passar por” uma pessoa cisgênero se torna, para algumas delas, uma maneira de reduzir as situações de discriminação (Podestà, 2019). Entretanto, é importante observar que o ideal de passabilidade funciona mais como um “conforto cisgênero”, algo imposto aos corpos trans, para serem lidos como “válidos” dentro da norma binária (Menezes; Jayo, 2024).

Uma maneira de transformação corporal realizada por mulheres trans e travestis é o “tucking” (termo em inglês), ou o “aquendar”, também conhecido pelos termos “acuendar” ou “aquendar a neça”, que é uma técnica usada para ocultar os órgãos genitais masculinos (pênis e saco escrotal) e criar uma aparência mais feminina nessa região do corpo (Benevides; Borges, 2020; Carneiro, 2019; Kidd et al., 2024; Subedi et al., 2024).

Para isso, algumas utilizam peças íntimas apertadas ou com bastante compressão, além de fitas adesivas, que ajudam a manter os órgãos “no lugar” e proporcionam a ilusão de uma vulva (Carneiro, 2019; Lanz, 2014; SMS, 2020). Apesar de ser uma técnica eficaz, para conservar a eficácia das fitas adesivas por mais tempo, reduz-se a ingestão de líquidos e limita-se a micção, o que pode gerar danos à saúde (SMS, 2020).

Além disso, outras complicações podem surgir a partir dessa técnica, com lesões dermatológicas, foliculite e dermatite - devido ao atrito e à umidade nas dobras da pele -, dor genital, infecção urinária, alterações na ejaculação, torção das gônadas e, até mesmo, infertilidade (Christensen; Ajayi; Bachmann, 2023; Kidd et al., 2024; Poteat; Malik; Cooney, 2018; Subedi et al., 2024; Vu et al., 2024).

As “calcinhas de aquendar” (em inglês, “gaffs”) são itens de moda íntima com maior compreensão, projetados especificamente para quem



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

prática a aqueção (Kidd *et al.*, 2024; Subedi *et al.*, 2024), o que ajuda a evitar o uso das fitas, por exemplo. Contudo, existe uma dificuldade em encontrar esse tipo de peça com bom ajuste aos corpos das mulheres trans e das travestis, e também com preço acessível (Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Rocha *et al.*, 2024).

A pesquisa de Carneiro (2019), sobre o impacto do vestuário na comunicação da identidade de gênero de mulheres trans e travestis, revelou o sofrimento e as complicações físicas decorrentes da aqueção, assim como a conexão com o conforto estético e psicológico. As escolhas do vestuário por essas mulheres estão diretamente relacionadas à evidência do órgão sexual e ao impacto psicológico dessa visibilidade.

O segmento da moda tem falhado em atender às necessidades das pessoas trans e não leva em conta as particularidades desses corpos. Isso pode gerar baixa autoestima e insatisfação corporal (Chauhan *et al.*, 2021; Reilly *et al.*, 2019), e leva muitas a buscarem soluções alternativas, como realizar ajustes e modificações nas roupas, ou produzir suas próprias peças (Christensen; Ajayi; Bachmann, 2023; Rodrigues; Lopes, 2017; Streck; Reddy-Best, 2025; Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021).

Esses gestos de adaptação e reinvenção não se limitam a respostas práticas diante de um mercado excludente, mas constituem formas de subjetivação, nas quais os indivíduos criam modos próprios de se vestir e de afirmar suas existências, promovendo resistência, autonomia e pertencimento dentro da comunidade transgênera (Longaray; Ribeiro, 2016; Streck; Reddy-Best, 2025).

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. Os estudos que investigam a percepção de conforto e desconforto se caracterizam por esse tipo de abordagem, que busca entender como determinado fenômeno se manifesta e seus participantes percebem a realidade (Paschoarelli; Medola; Bonfim, 2015; Zanella, 2011).

A pesquisa foi submetida à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Bauru, por meio da Plataforma Brasil, pois envolve seres humanos. A aprovação ética foi essencial para que a coleta de dados pudesse ser



iniciada. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelas participantes, garantindo que estivessem informadas sobre seus direitos, incluindo o anonimato, além dos riscos envolvidos.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas online, utilizando a plataforma *Google Meet*. No mês de janeiro de 2024, duas mulheres trans foram entrevistadas, de maneira individual e separada. A primeira, de 35 anos, reside em São Paulo-SP, e a segunda, com 29 anos, reside em Belém-PA. As duas foram indicadas por amigos da pesquisadora.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um roteiro de perguntas semiestruturado, elaborado com base na literatura científica e componentes da “escala conjunta”, proposta por Kang, Johnson e Kim (2013). Essa escala agrega diferentes métricas voltadas para analisar como as roupas influenciam o humor, explorando itens como personalidade, ansiedade em relação à aparência social e funções do vestuário, tais como individualidade, moda e conforto (Kwon; Parham, 1994).

As perguntas foram organizadas em seis partes: inicialmente, foram coletados dados sociodemográficos, como idade e ocupação. Em seguida, abordaram-se questões sobre conforto e desconforto no vestuário, experiências de compra e comportamento do consumidor, transformações corporais, e percepções sobre o mercado de moda em relação ao público transgênero. Por fim, foi aberta a possibilidade para que as entrevistadas comentassem sobre pontos relevantes que não foram abordados.

Durante as entrevistas, foram efetuadas algumas anotações e houve a gravação em vídeo via *Google Meet*, para garantir a fidelidade dos dados. Após as entrevistas, as gravações foram revisadas e, em seguida, a pesquisadora transcreveu manualmente as conversas. As transcrições foram realizadas no estilo naturalizado, incluindo falas literais, pausas, suspiros e outros elementos discursivos, conforme recomendado por Oliver, Serovich e Mason (2005).

Resultados e Discussões

As duas entrevistadas apresentaram pontos em comum, ao descreverem suas experiências relacionadas ao vestuário, evidenciando desafios significativos e algumas estratégias que utilizam para lidar com as limitações impostas pelo setor da moda.



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

Um aspecto central, compartilhado por ambas, foi o desconforto com peças íntimas, especialmente calcinhas e sutiãs. A Entrevistada 1 destacou as dificuldades relacionadas à calcinha, como a modelagem dessa peça, devido à necessidade de esconder o pênis, mesmo utilizando produtos de marcas especializadas para mulheres trans.

A Entrevistada 2 também relatou dificuldades em encontrar calcinhas que ofereçam conforto e acomodação adequada, mencionando a importância de peças que auxiliem no “aquendar” (ou aquendação). Os relatos a seguir ilustram tais percepções:

Eu vou começar pelo maior desconforto, as peças íntimas femininas. Nós temos mulheres trans que desenvolvem calcinhas, né? Porque eu tenho um pênis ali que eu preciso comer, né? Então assim, tem que ter uma peça adequada. E assim, mesmo com as meninas trans, eu encontro essa dificuldade em ter uma peça íntima que seja adequada (...) (Entrevistada 1).

Fora que a maioria das mulheres trans também tem dificuldade com calcinha, né? Tem calcinhas que dá, mas tipo, calcinha pequeninha, bonitinha e tal, não fica legal, porque, né, você tá lidando com um pênis, né? Você precisa botar pra trás. Então você precisa que a faixa da calcinha seja um pouco maior, né? Na frente. Então tem muita... tem rolado muito a cultura das calcinhas de aquendar, que a gente fala, né? Que... aquendar, cê sabe, né, o termo? É um termo que a gente usa pra, enfim, colocar o pênis pra trás pra fazer lá a ilusão. Aí eu tenho muito isso, de fazer em calcinhas pra aquendar. Tá um mercado muito, crescendo muito, de travestis e, principalmente, travestis transexuais empreendendo sobre isso, né? Aí em São Paulo, principalmente. Não só calcinhas, mas biquínis, maiô, né? Porque, queira ou não, dá mais, uma questão de mais, ser mais confortável, entendeu? Então, assim, a minha queixa, a minha dificuldade muito é isso (Entrevistada 2).



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

Essas experiências reforçam a lacuna no mercado de roupas íntimas voltadas para mulheres trans e travestis, principalmente no que se refere à modelagem e à vestibilidade. As soluções oferecidas nem sempre contemplam as especificidades de seus corpos, já que a indústria da moda desenvolve peças com base em um padrão corporal cisnormativo (Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Tullio-Pow; Yaworski; Kincaid, 2021). Mesmo aquelas direcionadas especificamente para essas mulheres, ainda apresentam limitações.

Isso pode estar relacionado, em parte, à ausência de um processo de desenvolvimento que considere as mulheres trans e travestis em todas as etapas. De acordo com Makara, Merino e Vergara (2017), as fases de modelagem e prototipagem não costumam representar as proporções corporais dos usuários finais com exatidão.

Além disso, a pesquisa com os usuários, quando presente, é subutilizada e raramente se estende às fases mencionadas (Makara; Merino, 2021). Um processo mais inclusivo demanda o levantamento de informações que sejam transformadas em soluções concretas, o que implica compreender as particularidades antropométricas, ergonômicas e psicossociais das mulheres trans e das travestis.

Outra peça íntima apontada nas duas entrevistas foi o sutiã, devido às diferenças nas dimensões, como o tórax mais largo, que dificulta o ajuste e o caimento, comprometendo também a segurança e o conforto, conforme ilustrado nesses trechos:

(...) o meu segundo maior desconforto é em relação ao sutiã, porque assim, eu sou uma mulher de 1,77m. E eu, assim, então muitas vezes eu tenho uma certa dificuldade. Assim, então ou é (tamanho) P...assim, perai, mas eu sou magra, eu tenho 1,77m, mas eu sou magra, então eu sempre tenho essa, essa dúvida na hora de adquirir um sutiã, seja também pelo tamanho da estrutura óssea né, que é um pouco maior, a parte de cima de ombro e etc. Então eu tenho essa questão" (Entrevistada 1).

Outra coisa, sutiã, né? Como eu te falei, eu tenho um tórax, né, um pouco maior. Então, eu não tenho prótese



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

de silicone, né? Eu tenho um peitinho de hormônio aliado também, né, ao meu porte físico de ser uma mulher gorda, então não tenho peito assim, né? Então, eu uso sutiã, né, mas eu tenho que usar um sutiã grande, né, pra poder não ficar uma coisa estranha no meu tórax. Então, é complicado de achar também, não é assim em loja de departamento pra gente achar, não tem. Não é, 'Ah, eu vou ali no shopping...', não. Vai no shopping, boa sorte, bora ver se vai rolar (...) (Entrevistada 2).

Essas dificuldades estão relacionadas ao padrão corporal adotado pela indústria da moda, que costuma se basear no corpo feminino cisgênero. Este, em geral, possui um tronco menor em comparação ao de pessoas designadas como homens ao nascer (lida; Guimarães, 2016). Embora o THF induza o desenvolvimento de características sexuais secundárias, não provoca mudanças significativas na estrutura óssea das mulheres trans e travestis que realizam esse tratamento (Morrison; Wilson; Mosser, 2018).

Sobre o sutiã, até o momento da feitura deste artigo, não foram encontrados estudos relacionando esse item de vestuário a usuárias trans. Existem trabalhos que discutem a questão do *binder*, que envolve a amarração torácica, utilizado por homens trans, sobre a questão da saúde física e mental, algo intimamente associado ao conforto (Peitzmeier et al., 2017; Teti et al., 2019), e podem se relacionar ao uso do sutiã.

O estudo de Peitzmeier et al. (2017) foi uma *survey* online e a maioria das pessoas eram residentes dos Estados Unidos (68,1%) e do Canadá (13,5%), com média de idade de 23 anos. Um total de 97,2% dos participantes relatou desconforto como dores nas costas, no peito, coceira, falta de ar etc. Entretanto, os efeitos sobre a saúde mental foram positivos, com melhora no humor, redução da disforia de gênero e sensação de segurança em espaços públicos, indicando que os benefícios superavam os efeitos físicos negativos.

Por sua vez, o estudo de Teti et al. (2019), feito nos Estados Unidos, com jovens identificados como transmasculinos, de idade entre 19 a 25 anos, investigou como o vestuário afeta a saúde (física e mental), sobretudo em relação ao *binding* e à expressão de gênero. Eles relataram problemas respiratórios e gastrointestinais, ansiedade etc. Contudo, usavam *binders*



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

para alinhar o corpo à identidade de gênero e para evitar o *misgendering* (quando a pessoa é identificada equivocadamente quanto ao seu gênero).

O uso de sutiãs, por mulheres trans e travestis, compartilha paralelos com o uso de binders por algumas pessoas transgêneras. Ainda que os objetivos visuais sejam opostos, pois, geralmente, as primeiras desejam o aumento de volume mamário, enquanto as outras preferem o achatamento do tórax, o objetivo de comunicação da identidade é semelhante.

Esses itens do vestuário causam dores e dificuldades em diferentes intensidades, e reforçam a exclusão de corpos trans pelas lógicas cisnormativas da moda, ao mesmo tempo em que operam como tecnologias de "montação", articulando-se à performatividade cotidiana e aos padrões de inteligibilidade de gênero (Carneiro, 2019; Peitzmeier *et al.*, 2017; Teti *et al.*, 2019).

As entrevistadas manifestaram a priorização do conforto como critério fundamental na escolha de roupas, em que este vai além do físico, se conectando diretamente ao bem-estar psicossocial. Roupas que apertam, esquentam e destacam características indesejadas, são vistas como desconfortáveis, pois comprometem a saúde, a sensação de segurança e a afirmação da identidade de gênero.

O conceito de Conforto Total (Broega; Cunha; Cabeço-Silva, 2019) foi abordado, por exemplo, pela Entrevistada 1, quando indicou o que significava desconforto para ela:

Desconforto? Desconforto é eu me...eu vestir uma roupa e sentir 'essa roupa vai me fazer calor durante o dia'. Desconforto é...hum, esse tecido é muito pesado e pode ser que, durante o dia, essa roupa vai me incomodar. Ah, pode ser também que, ai, essa roupa que eu estou saindo, ela...hum, ela não tá me deixando feminina, ela tá me deixando mais quadrada, ela está evidenciando traços masculinos. Isso para mim é uma roupa desconfortável (...) (Entrevistada 1).

A entrevistada abrangeu as quatro dimensões do conforto no vestuário a partir de seu relato: a dimensão termofisiológica, ao mencionar que a roupa pode fazê-la sentir calor; a sensorial, quando indicou a questão do tecido ser pesado; a ergonômica, ao destacar que a peça pode incomodar

Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao
conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

e não se ajustar ao seu corpo; e a psicológica, ao expressar o desejo de se sentir feminina, sem que traços masculinos sejam evidenciados.

Para algumas mulheres trans e travestis, a feminilidade é um ponto importante, e o vestuário pode contribuir nesse contexto, pois propicia a criação de uma silhueta mais curvilínea e estereotipicamente feminina, ou ainda suaviza/oculta eventuais insatisfações com o corpo ou partes dele (Carneiro, 2019; Reilly; Catalpa; McGuire, 2019; Teti *et al.*, 2019; Wittmann, 2019), como exposto pela própria entrevistada.

No entanto, a questão da feminilidade configura também a necessidade de corresponder a uma expectativa social, conforme demonstrado a seguir:

(...) desconforto para mim é quando você não tá se sentindo bem com aquilo que você tá vestindo, que isso faz as pessoas te olharem, né? E eu acho que envolve tudo, né? Autoestima, saúde mental, né? É, no nosso caso, de mulheres trans, tem a questão de sempre as pessoas satirizarem a questão do seu órgão genital... aí querem usar uma calça jeans, quer saber se não é operada, quer saber se tem volume... entendeu? Ou seja, é um desconforto, né? Então, principalmente pra gente, eu acho que muito sobre isso, de, de... de olhares das pessoas, sabe? De ser um grande desconforto, para saber se, ah, se a bunda que tu tá usando é tua, se você tá usando... se você tá se apertando o suficiente pra parecer o que os outros querem que você pareça... que as pessoas têm um padrão de o que é beleza, né? Do que é feminilidade na cabeça deles, do que é tipo, 'Ah, você é uma mulher trans.ai, nossa, você é tão bonita, nem parece'. Mas para você ser trans, você tem que ser feia? Assim como existe mulheres cis feias, existe mulheres trans bonita, mulheres trans feias...não precisa ser um ideal de feminilidade pra ser respeitada como mulher. Então tem muito isso, entendeu? (Entrevistada 2).

A Entrevistada 2 manifestou desconforto quanto aos olhares alheios e invasivos sobre características corporais, a depender da roupa que veste, nos momentos em que ela é questionada se "é operada" ou "se tem volume", por exemplo. Existe uma pressão para corresponder a um ideal de feminilidade, entendido aqui como um "papel estético de gênero"



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao
conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

(Braizaz, 2019), já que o ato de vestir funciona não só como um mecanismo de construção identitária, mas também de adequação às normas sociais de gênero.

Embora as mulheres cis também estejam sujeitas a esses padrões, para as mulheres trans e travestis, a não adesão pode resultar em deslegitimação de suas identidades. Ainda assim, a entrevistada questiona essa lógica binária, ao afirmar que “não precisa ser um ideal de feminilidade pra ser respeitada como mulher”, apontando para a urgência de um reconhecimento que ultrapasse esses critérios de feminilidade com base na aparência.

De qualquer forma, as entrevistadas reconheceram que, em situações específicas, podem abrir mão do conforto físico para se adequarem a padrões estéticos ou se sentirem mais confiantes. A Entrevistada 2, por exemplo, mencionou que, em alguns momentos, utiliza vestidos justos, acompanhados de modeladores incômodos, para se sentir bonita. Essa experiência é ilustrada na fala a seguir:

Deixa eu pensar aqui...ah, sim, os meus vestidos...é...curtos, porque eu acho eles bonitos, né? Eu acho que eu fico bonita neles, mas eu preciso estar desconfortável neles pra poder ficar bonito, né? Porque eles são justos, eu preciso usar cinta. Eu preciso usar coisa em uma cima, coisa embaixo. Calcinha, calcinha com barbatana...É...corpete...tenho que usar tudo, mas eu uso porque eu acho que eu fico bonita. É, eu comprei na Shein, inclusive, eu acho bonito. Eu gosto de vestido justo. Eu não uso mais por causa, enfim, né, que eu tenho excesso de pele... enfim. Então, é algo que incomoda, mas eu uso porque faz parte. Chego toda, toda lanhada, vermelha, mas o que importa é o close (Entrevistada 2).

O desconforto físico em nome da aparência e do alinhamento às normas sociais vigentes não é exclusivo das mulheres trans e/ou das travestis. Ele é igualmente compartilhado por muitas mulheres cis, visto que, desde cedo, elas são socializadas nas normas de feminilidade e tendem a naturalizar esse desconforto como parte de “ser mulher” (Braizaz, 2019).

Contudo, quando a Entrevistada 2 diz que certas peças incomodam, mas usa “porque faz parte”, chegando “toda lanhada, vermelha”, no esforço de alcançar o “close”, mesmo às custas do conforto, isso revela a



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

internalização das exigências sociais sobre o corpo feminino e a agência em sua negociação com tais normas (Braizaz, 2019; Carneiro, 2019; Lanz, 2014; Rodrigues, 2023).

Além disso, a Entrevistada 2 enfatizou que, além de ser uma mulher trans, ela é uma mulher alta e gorda, o que torna este processo ainda mais desafiador, devido à escassez de opções para tamanhos maiores e peças que acomodem adequadamente as suas proporções corporais. O relato a seguir deixa evidente essas questões:

Olha, eu não tenho facilidade nenhuma, porque é assim, primeiro que eu sou uma mulher trans de 1,82m, né? Então, o meu tórax é diferente, o meu, o meu tronco é diferente, o meu tronco é maior, né? Então, assim, as roupas foram criadas para o corpo de mulheres cis, ok...então, tem coisas que, por exemplo, eu não consigo achar um body pra mim. Aqueles bodys que você usa né, de lycra... Por quê? Porque fica bacana embaixo, só que o bojo não chega até aqui... porque o meu tronco é grande e maior, então não consigo achar. É...blusa, a blusa ficou bacana, ficou legal, só que às vezes fica um pouquinho curta, porque o meu tronco é maior, né? O tamanho é maior, não condiz. E pra terminar de completar, né, eu também sou uma mulher trans gorda. Então, tem mais uma questão, que tem coisas que às vezes eu não consigo (...) eu não consigo achar um look (...) Então tipo, eu teria que mandar fazer, né? Eu recentemente eu queria, sempre queria ter aquelas blusas com manga bufante e tal, mas eu nunca achava uma que me agradasse. Aí eu tenho uma costureira que eu gosto muito, então eu vou com ela, pra ela fazer pra mim (...) (Entrevistada 2).

A moda tradicional exclui mulheres trans, travestis e outros corpos dissidentes, ignorando inclusive marcadores interseccionais como gênero, raça, estatura, deficiência, entre outros. Para a Entrevistada 2, encontrar peças que possam acomodar o seu tronco mais longo ou roupas que tenham melhor caimento para o seu tipo físico revela a invisibilidade dos corpos, com múltiplos atravessamentos identitários (Martins; Carrera, 2024).

Isso força a busca por alternativas, exigindo soluções personalizadas, como ir em uma costureira particular para confeccionar peças sob medida, garantindo que as roupas atendam suas expectativas estéticas



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

e ergonômicas. Diante dessa exclusão mercadológica, muitas pessoas transgêneras realizam intervenções caseiras, como ajustes e costuras, ou elas mesmas produzem as suas próprias roupas, como forma de resistência e autoafirmação, reivindicando autonomia estética e cuidado comunitário (Streck; Reddy-Best, 2025).

As duas entrevistadas apontaram a necessidade de mudanças na indústria da moda. A primeira sugeriu a inclusão de pessoas trans nas equipes de desenvolvimento de produtos, argumentando que as suas vivências e necessidades particulares poderiam ser mais bem representadas dessa maneira. A segunda, reforçou como a negligência da diversidade corporal por parte da moda resulta em exclusão e mal-estar, agravado por pressões sociais, transfobia e também gordofobia, ampliando ainda mais o desconforto psicológico associado ao uso de roupas inadequadas.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi evidenciar os principais desafios enfrentados por mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário. Os relatos das entrevistadas demonstraram que o setor de moda precisa expandir sua oferta para atender a essas mulheres de forma mais eficaz, especialmente no caso das peças íntimas, que não contemplam suas necessidades de conforto, aspecto fundamental para a afirmação de gênero.

As poucas soluções disponíveis no mercado mostram-se inadequadas e desconsideram as especificidades corporais e as necessidades relacionadas ao conforto, que envolvem sobretudo questões ergonômicas e psicossociais. O desconforto causado por peças íntimas, por exemplo, confirma a lacuna no setor, que ainda não consegue conciliar funcionalidade, estética e outros aspectos subjetivos voltados a esse público.

As narrativas analisadas revelaram um campo de disputas por reconhecimento e pertencimento, indicando que o desconforto está ligado a um sistema de moda que insiste em produzir peças com base em corpos cisgêneros, hegemônicos e idealizados, ignorando as diversas proporções, identidades e vivências que diferem do padrão tradicional. Torna-se urgente, portanto, repensar práticas projetuais que envolvam as próprias mulheres trans e travestis no processo, reconhecendo-as como usuárias legítimas.



Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao
conforto/desconforto no vestuário

Onnara Custódio Gomes
Marizilda dos Santos Menezes

O presente artigo apresenta contribuições relevantes, mas também possui limitações, como no caso da amostragem utilizada. Nesta etapa, não foram entrevistadas travestis, embora, ao longo do texto, tenham sido exploradas as aproximações entre as duas categorias. Ainda assim, não se pode considerar esta amostra como definitiva ou representativa das experiências de mulheres trans e travestis.

Para investigações futuras, recomendamos o aprofundamento da temática do conforto e desconforto no vestuário, incluindo a investigação de peças como sutiãs, binders e demais itens, em especial os de moda íntima. Além disso, sugere-se a ampliação do número de participantes e a inclusão de outros subgrupos trans, que também enfrentam desafios singulares. Tais medidas fortalecerão a articulação entre a teoria e a prática, contribuindo para o avanço das pesquisas científicas, principalmente nas áreas de design, moda e estudos de gênero.

Agradecimentos

Este trabalho foi desenvolvido com apoio da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Processo 88887.668407/2022-00).

Referências

Austin, A.; Papciak, R.; Lovins, L. Gender euphoria: a grounded theory exploration of experiencing gender affirmation, *Psychology & Sexuality*, v. 13, n. 5, p. 1406-1426, 2022.

Benevides, B.; Borges, V. Dicas de cuidados ao acuar a neta. Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, 2020, 10 p. Disponível em: <https://antrabrazil.org/wp-content/uploads/2020/08/dicas-de-cuidados-ao-acuar-a-neta.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Bento, B. Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

Bonadio, M. C. O corpo vestido. In: Marquetti, F. R.; Funari, P. P. A. (Org.) Sobre a pele. Imagens e metamorfoses do corpo. São Paulo: Intermeios;



Fapesp, Campinas: Unicamp, 2015. p. 179-206.

Braizaz, M. Femininity and fashion: how women experience gender role through their dressing practices. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 8, n. 1, p. 59-76, 2019.

Brasil. Ministério dos Direitos Humanos. Manual Orientador sobre Diversidade. 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/dezembro/ministerio-lanca-manual-orientador-de-diversidade/copy_of_ManualLGBTDIGITAL.pdf. Acesso em: 13 out. 2023.

Broega, A. C.; Cunha, J. L. L. da; Cabeço-Silva, M. E. O conforto no vestuário, seus aspectos conceituais e subjetivos. In: *Ergonomia, usabilidade e conforto no design de moda: a metodologia OIKOS*. Suzana Barreto Martins (ed.). Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019. p. 14-32.

Buck, D. M. Defining transgender: What do lay definitions say about prejudice?. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, v. 3, n. 4, p. 465, 2016.

Carneiro, T. "Montação": moda na comunicação da identidade de gênero. *Periódicus*, v. 1, n.11, p. 343-362, 2019.

Chauhan, V.; Reddy-Best, K. L.; Sagar, M.; Sharma, A.; Lamba, K. Apparel consumption and embodied experiences of gay men and transgender women in India: Variety and ambivalence, fit issues, LGBT-fashion brands, and affordability. *Journal of homosexuality*, v. 68, n. 9, p. 1444-1470, 2021.

Choudhury, A. K. R.; Majumdar, P. K.; Datta, C. Factors affecting comfort: human physiology and the role of clothing. In: *Improving comfort in clothing*. Woodhead Publishing, 2011. p. 3-60.

Christensen, R.; Ajayi, B.; Bachmann, G. Genital tucking practices in trans individuals and anogenital implications. *The Journal of Sexual Medicine*, v. 20, n. Supplement 3, p. qdad068. 040, 2023.

Cohen-Lazry, G; Degani, A.; Oron-Gilad, T.; Hancock, P. A. Discomfort: an assessment and a model. *Theoretical Issues in Ergonomics Science*, v. 24, n. 4, p. 480-503, 2023.



De Looze, M. P.; Kuijt-Evers, L. F.; Van Dieën, J. A. A. P. Sitting comfort and discomfort and the relationships with objective measures. *Ergonomics*, v. 46, n. 10, p. 985-997, 2003.

Deus, A. L. de. Travesti ou transexual? Uma análiseêmica e acadêmica sobre categorias identitárias de mulheres travestis e transexuais. *Revista Eletrônica Visagem - Antropologia Visual e da Imagem*, v. 4, n. 1, p. 108-144, 2018.

Entwistle, J. *The fashioned body: fashion, dress and modern social theory*. 3. ed. Cambridge: Polity Press, 2023.

Fourt, L. E.; Hollies, N. R. S. *The comfort and function of clothing*. Clothing and Personal Life Support Equipment Laboratory, US Army Natick Laboratories, 1969.

Grave, M. de F. *A moda-vestuário e a ergonomia do hemiplégico*. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

Grünheidt, P.; Granada, A. *O guia da disforia de gênero*, 2021. Disponível em: <https://disforiadegenero.com.br/>. Acesso em: 9 jan. 2024.

Halberstam, J. *Trans*: a quick and quirky account of gender variability*. Oakland: University of California Press, 2018.

Helander, M. G.; Czaja, S. J.; Drury, C. G.; Cary, J. M.; Burri, G. An ergonomic evaluation of office chairs. *Office Technology and People*, v. 3, n. 3, p. 247-263, 1987.

Hernández, J. de G.; Silva Junior, A. L. da; Carrara, S.; Baldanzi, A. C. de O.; Uziel, A. P. Saúde de travestis e pessoas trans no Rio de Janeiro e Região Metropolitana: estratégias e condições de acesso. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 38, e22301, 2022.

Hertzberg, H. T. E. (Ed.). *Annotated bibliography of applied physical anthropology in human engineering*. United States. Department of Commerce. Office of Technical Services, 1958.

Iida, I.; Guimarães, L. B. de M. *Ergonomia: projeto e produção*. 3. ed. rev. São Paulo: Blucher, 2016.



Janini, J. P.; Oliveira, L. C. S. de; Souza, V. de M. Terapia hormonal em mulher transexual idosa: um estudo de caso. Research, Society and Development, v. 11, n.10, e550111033113, 2022.

Jesus, J. G. de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, v. 2, 2012. 24 p.

Jones, D.; Lim, H. Journey to the self: in-depth case studies of trans men's self-construction through body work and clothing. Fashion Theory, v. 26, n. 7, p. 1-24, 2021.

Kang, J. M.; Johnson, K. K. P.; Kim, J. Clothing functions and use of clothing to alter mood. International Journal of Fashion Design, Technology and Education, v. 6, n. 1, p. 43-52, 2013.

Kidd, N.; Mark, K.; Dart, M.; Casey, C.; Rollins, L. Genital tucking practices in transgender and gender diverse patients. The Annals of Family Medicine, v. 22, n. 2, p. 149-153, 2024.

Kwon, Y.; Parham, E. S. Effects of state of fatness perception on weight conscious women's clothing practices. Clothing and textiles research journal, v. 12, n. 4, p. 16-21, 1994.

Lanz, L. O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Curitiba, 2014. 342 f.

Lima, F.; Cruz, K. T. da. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, n. 23, p. 162-186, 2016.

Longaray, D. A.; Ribeiro, P. R. C. Travestis e transexuais: corpos (trans) formados e produção da feminilidade. Estudos Feministas, v. 24, n. 3, p. 761-784, 2016.

Lueder, R. K. Seat comfort: a review of the construct in the office environment. Human factors, v. 25, n. 6, p. 701-711, 1983.



Makara, E.; Merino, G. S. A. D. Coleta de dados sobre o usuário do produto de vestuário: identificação de técnicas e ferramentas. *Estudos em Design*, v. 29, n. 2, p. 94-113, 2021.

Makara, E.; Merino, G. S. A. D.; Vergara, L. G. L. Delimitação do usuário nas etapas de criação, modelagem e prototipagem do produto de vestuário. *ModaPalavra e periódico*, v. 10, n. 19, p. 200-218, 2017.

Mansfield, N.; Naddeo, A.; Frohriep, S.; Vink, P. Integrating and applying models of comfort. *Applied ergonomics*, v. 82, p. 102917, 2020.

Martins, L. B.; Martins, S. B. Design universal, moda e pessoa com deficiência: uma reflexão sobre vestibilidade, conforto e segurança. In: *Moda inclusiva*. Daniela Auler; Gabriela Sanches (org.). Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018. p. 118-129.

Martins, S. B. Ergonomia, usabilidade e conforto em projeto de produto de moda e vestuário. In: *Ergonomia, usabilidade e conforto no design de moda: a metodologia OIKOS*. Suzana Barreto Martins (ed.). Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019. p. 56-77.

Martins, V.; Carrera, F. Corpo gordo, gênero e moda: uma análise dos corpos femininos e masculinos fora do padrão nas marcas de moda. *dObra [s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, n. 41, p. 195-217, 2024.

Matté, L. L.; Broega, A. C.; Pinto, M. E. B. When clothing comfort meets aesthetics. In: *Textiles, Identity and Innovation: Design the Future*. CRC Press, 2018. p. 55-60.

Menezes, E. S.; Jayo, M. A passabilidade é um conforto cisgênero: moda, proteção e invisibilidade trans no pensamento artístico de Maria Lucas e Renata Carvalho. *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, [S. l.], n. 41, p. 264-277, 2024.

Menezes, Y.; Grassine, F.; Altmayer, G. Design e gênero: marcações binárias na Ergonomia. *Arcos Design*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 258-275, 2023.

Morrison, S. D.; Wilson, S. C.; Mosser, S. W. Breast and body contouring



for transgender and gender nonconforming individuals. *Clinics in Plastic Surgery*, v. 45, n. 3, p. 333-342, 2018.

Oliveira, G. S.; Pacheco, Z. M. L.; Salimena, A. M. O.; Ramos, C. M.; Paraíso, A. F. Método bola de neve em pesquisa qualitativa com travestis e mulheres transexuais. *Saúde Coletiva*, v. 11, n. 68, p. 7581-7588, 2021.

Oliver, D. G.; Serovich, J. M.; Mason, T. L. Constraints and opportunities with interview transcription: Towards reflection in qualitative research. *Social Forces*, v. 84, n. 2, p. 1273-1289, 2005.

Paschoarelli, L. C.; Medola, F. O.; Bonfim, G. H. C. Características qualitativas, quantitativas de abordagens científicas: estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. *Revista de Design, Tecnologia e Sociedade*, v. 2, n. 1, p. 65-78, 2015.

Peitzmeier, S.; Gardner, I.; Weinand, J.; Corbet, A.; Acevedo, K. Health impact of chest binding among transgender adults: a community-engaged, cross-sectional study, *Culture, Health & Sexuality*, v. 19, n. 1, p. 64-75, 2017.

Podestà, L. L. de. Ensaio sobre o conceito de transfobia. *Periódicus*, v. 1, n.11, p. 363-380, 2019.

Poteat, T.; Malik, M.; Cooney, E. 2148 Understanding the health effects of binding and tucking for gender affirmation. *Journal of Clinical and Translational Science*, v. 2, n. S1, p. 76-76, 2018.

Preciado, P. B. *Un apartamento en Urano: crónicas del cruce*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2019.

Reilly, A.; Catalpa, J.; McGuire, J. Clothing fit issues for trans people. *Fashion Studies*, v. 1, n. 2, p. 1-21, 2019.

Reis, T. *Manual de Comunicação LGBTI+*. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

Rocha, R. R.; Veloso, A. R.; Falcão, R. F.; Rossini, G. G.; Collalto, B. T.; Lopes, L. dos S.; Batista, G. Z. Consuming intimate apparel: a Brazilian transgender discourse. *Journal of Consumer Affairs*, v. 58, n. 1, p. 108-125, 2024.



Rodvalho, A. M. O cis pelo trans. Estudos Feministas, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017.

Rodrigues, A.; Lopes, R. TransFashion: apontamentos ecossistêmicos comunicacionais entre moda, mídia e identidade de pessoas transgêneras. Temática, v. 13, n. 6, p. 17-33, 2017.

Rodrigues, J. N. C. Passabilidade e possibilidades. Orientador: Ramon Luis de Santana Alcântara. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023. 200 p.

Santos, E. L. O.; Kalckmann, S.; Borrego, C. de C. H.; Sellinger, N. da C.; Imparato, R. R.; Rosa, T. E. da C. Relato de experiência: travestis e transexuais em situação de rua e o processo de hormonioterapia pelo SUS. BIS – Boletim do Instituto de Saúde, v. 22, n.1, p. 112-118, 2021.

Slater, K. Discussion Paper – The assessment of comfort. The Journal of The Textile Institute, v. 77, n. 3, p. 157-171, 1986.

Simpson, K. Transexualidade e travestilidade na saúde. In: Transexualidade e travestilidade na saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, p. 9-15, 2015.

São Paulo. Secretaria Municipal da Saúde (SMS). Coordenação da Atenção Primária à Saúde. Protocolo para o atendimento de pessoas transexuais e travestis no município de São Paulo. Secretaria Municipal da Saúde, SMS, PMSP, Julho, 2020. 133 p.

Spizzirri, G.; Eufrásio, R.; Lima, M. C. P.; Nunes, H. R. de C.; Kreukels, B. P. C.; Steensma, T. D.; Abdo, C. H. N. Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. Scientific reports, v. 11, n. 1, p. 1-7, 2021.

Streck, K. G.; Reddy-Best, K. L. Openly-trans youtubers and gender-affirming undergarments: production, distribution, and consumption via diy tutorials on youtube. Clothing and Textiles Research Journal, v. 43, n. 1, p. 65-80, 2025.

Subedi, S.; Kant, J.; Miranda, N.; Anacheke-Nasemann, R.; Martinez,



J.; Ganor, O. "I was largely unguided trying to figure it out on my own": experiences of genital tucking among transfeminine and gender diverse individuals. *International Journal of Transgender Health*, p. 1-12, 2024.

Tangpricha, V.; Den Heijer, M. Oestrogen and anti-androgen therapy for transgender women. *The Lancet Diabetes & Endocrinology*, v. 5, n. 4, p. 291-300, 2017.

Teti, M.; Morris, K.; Bauerband, L. A.; Rolbiecki, A.; Young, C. An exploration of apparel and well-being among transmasculine young adults, *Journal of LGBT Youth*, v. 17, n. 1, p. 53-69, 2019.

Tullio-Pow, S.; Yaworski, A. S.; Kincaid, M. Transgender fashion: Fit challenges and dressing strategies. *Clothing Cultures*, v. 7, n. 1, p. 35-47, 2021.

Villada, C. S. O parque das irmãs magníficas. Tradução de Joca Reiners Terron. São Paulo: Planeta, 2021.

Vink, P.; De Looze, M. P.; Kuijt-Evers, L. F. M. Theory of comfort. In: Vink, P. (ed.). *Comfort and Design: Principles and good practice*. CRC Press, 2004. p. 13-32.

Vink, P.; Hallbeck, S. Comfort and discomfort studies demonstrate the need for a new model. *Applied ergonomics*, v. 43, n. 2, p. 271-276, 2012.

Vu, A.; Sapkalova, V.; Park, D.; Ma, M.; Terris, D. M.; King, S. (030) troubles with a tight tuck - a survey of tucking practices and genitourinary complaints. *The Journal of Sexual Medicine*, v. 21, Issue Supplement 1, qdae001.027, 2024.

Wittmann, I. A roupa expressa a identidade: moda enquanto tecnologia de gênero na experiência transgênero. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 8, n. 1, p. 77-90, 2019.

Zanella, L. C. H. Metodologia de pesquisa. 2. ed. rev. atual. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011. 134 p.

